

COLÉGIO PEDRO II

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
DE HISTÓRIA DA ÁFRICA**

CAROLINE CABRAL DA COSTA

**NA LUTA QUE A GENTE SE ENCONTRA:
ESCREVIVÊNCIAS PRETAS E A CONSTRUÇÃO DE UM
CURRÍCULO ANTIRRACISTA**

Rio de Janeiro
2022



CAROLINE CABRAL DA COSTA

**NA LUTA QUE A GENTE SE ENCONTRA: ESCRIVIVÊNCIAS PRETAS E A
CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador: Prof. Dr. Rogério de Castro

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C837 Costa, Caroline Cabral da
Na luta que a gente se encontra: escrituras pretas e a
construção de um currículo antirracista. / Caroline Cabral da Costa – Rio de
Janeiro, 2022.

34 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História
da África) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Rogério de Castro

1. História da África – Estudo e ensino. 2. Negritude. 3. Vivência. 4.
Antirracismo. 5. Currículos. I. Castro, Rogério de. II Colégio Pedro II. III
Título.

CDD960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

CAROLINE CABRAL DA COSTA

NA LUTA QUE A GENTE SE ENCONTRA: Escrivências pretas e a construção de um currículo antirracista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em: 15 de Março de 2022.

Orientador: Prof. Dr. Rogério de Castro
Colégio Pedro II

Membro externo: Prof. Dra. Jonê Carla Baiao
CAp-UERJ- no programa de Pós Graduação de Ensino em Educação Básica
PPGEB

Membro Interno: Alex Sandro Barcelos Cortês
Colégio Pedro II

Suplente interno: Rodrigo Cesar da Silva Magalhães
Colégio Pedro II

Suplente externo: Marcelos de Carvalho Caldeira
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2022

AGRADECIMENTOS

Deixo registrado neste trabalho meu agradecimento às minhas ancestrais que me abriram caminhos e criaram através de suas trajetórias insubmissões e rebeldias para tornar livre os corpos pretos. Às mulheres da minha vida que ainda fazem parte desse plano material e me ensinam como sobreviver todos os dias aos açoites modernos e continuam lutando para que eu siga: “Eu sou porque nós somos!”.

Às professoras e professores que, comprometidos, lutam diariamente para que a educação continue sendo pública e de qualidade. Especialmente ao professor Rogério de Castro que embarcou nesse imenso mar-orientação e junto comigo realizou uma linda travessia para construção deste trabalho, muito obrigada!

Agradeço a toda minha família, principalmente a minha mãe Solange, que mesmo não tendo acesso aos espaços acadêmicos caminhou comigo durante todo o curso e permitiu que eu chegasse aqui. Como minha mãe sempre diz: *Vai que eu estou com você, se quiser desistir também pode.* Agradeço à minha espiritualidade por seguir comigo por todos os lugares onde estive e por todos que ainda percorrerei. *Zumbi é senhor das guerras.*

Aos colegas de turma (que infelizmente não tive a chance de tomar aquela cerveja gelada) agradeço as trocas que tivemos online e os parabênzinhos pela trajetória: Jéssica, Marco, Jéssica Lopes, Marília, Adriana, Giselle, Lucas, Isa, Helena, Ritalo, Edy, Carlos, Valdeir, Carol, Elenita, André, Camila, Daniele, Lessa Maria, Renata, Débora, Beatriz, Jessica Galvão, Tiago, Livia (certamente faltou alguém, não consigo lembrar todos os nomes, mas o agradecimento é para toda turma).

Chegamos aqui atravessados por mortes e vida, doenças, pandemia, incertezas, alegrias, tristezas... Parafraseando Emicida na canção AmarElo¹:

*Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
Estilo água, eu corro no meio das pedras,
Na trama tudo, os drama turvo, eu sou um dramaturgo,
Conclama a se afastar da lama enquanto inflama o mundo (...)
A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto. Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro (eu preciso cuidar de mim)
ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro!*

¹ Verso da canção AmarElo de Emicida (part. Majur e Pablo Vittar)

Link para acesso: <https://www.lettras.mus.br/emocida/amarelo-feat-majur-e-pablo-vittar/>

Acesso: 30 de agosto de 2021

²*Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração
Um adeus*

*Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte*

*E Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queira mais
Je suis ici agora*

*Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas*

E palavra amor, cadê?

(Luedji Luna, 2017)

² Verso da Canção: Um Corpo no Mundo, de Luedji Luna.

Link para acesso: <https://www.lettras.mus.br/luedji-luna/um-corpo-no-mundo/>

Acesso: 30 de agosto de 2021

RESUMO

COSTA, Caroline Cabral Da. **Na luta que a gente se encontra: Escrevivências pretas e a construção de um currículo antirracista**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2022.

O trabalho de conclusão de curso se dedica a pensar em como as escrevivências³ (EVARISTO, 2018) pretas movimentam as estruturas sociais e como a elaboração de um currículo devidamente amparado por essas histórias é importante e necessário para desestruturar o sistema racista. As escolas são *espaçostempos* de produção de conhecimento, e o enegrecimento desses espaços estabelece conexões e cria redes de interações que são capazes de produzir debates e construir conhecimentos sobre nossas próprias histórias. As narrativas dos cotidianos e das memórias compartilhadas podem evidenciar as costuras sociais racistas que alimentam o sistema de dominação e de manutenção de vulnerabilidades que atravessam nossos corpos. A representatividade no currículo escolar reafirma e enfeita os traços marginalizados pelo padrão eurocêntrico educa e (re)educa a sociedade, os territórios existenciais são ampliados possibilitando que muitas vozes comecem ecoar e carreguem em si outras vozes.

Palavras-chave: escrevivência; currículo; marginalizar; educação.

³Conceito de escrevivência criado pela intelectual negra Conceição Evaristo diz que a escrita nasce dos cotidianos, das lembranças, das memórias, experiências e cria conexões com o passado para compreender o presente.

ABSTRACT

COSTA, Caroline Cabral Da. In the struggle we find ourselves in: Black writings and the construction of an anti-racist curriculum. 2022. Course Completion Work (Specialization in African History Teaching) – Colégio Pedro II, Dean of Graduate Studies, Research, Extension and Culture, Rio de Janeiro, 2022.

The course conclusion work is dedicated to thinking about how black writings (EVARISTO, 2018) move social structures and how the development of a curriculum properly supported by these stories is important and necessary to disrupt the racist system. Schools are spaces-times of knowledge production, and the blackening of these spaces establishes connections and creates networks of interactions that are capable of producing debates and building knowledge about our own stories. The narratives of everyday life and shared memories can highlight the racist social seams that feed the system of domination and maintenance of vulnerabilities that cross our bodies. The representation in the school curriculum reaffirms and embellishes the marginalized traits by the Eurocentric pattern educates and (re)educates society, existential territories are expanded, allowing many voices to begin to echo and carry other voices within themselves.

Keywords: *escrivência*; resume; marginalize; education.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Releitura de fotos de mulheres negras que fazem e fizeram história na contra o racismo. Imagem retirada do perfil do Instagram @clarinha_larchete..... 19
- Figura 2 – Releitura de fotos de mulheres negras que fazem e fizeram história na contra o racismo. Imagem retirada do perfil do Instagram @clarinha_larchete..... 19
- Figura 3 – Releitura de fotos de mulheres negras que fazem e fizeram história na contra o racismo. Imagem retirada do perfil do Instagram @clarinha_larchete..... 20
- Figura 4 – Releitura de fotos de mulheres negras que fazem e fizeram história na contra o racismo. Imagem retirada do perfil do Instagram @clarinha_larchete. 20
- Figura 5 – As Irmãs Helena e Eduarda em uma roda de leitura. Imagem foi compartilhada no perfil delas no Instagram @pretinhasleitoras 21
- Figura 6 – As Irmãs Helena e Eduarda . Imagem foi compartilhada no perfil delas no Instagram @pretinhasleitoras 21
- Figura 7 – Imagem do Ex-Policial americano Derek Chauvin asfixiando George Floyd em Mineápolis. A imagem foi retiradas da plataforma de pesquisas de busca Google..... 23
- Figura 8 – Imagem dos protestos que aconteceram nos Estados Unidos para reivindicar justiça pelo assassinato brutal de George Floyd e reinvidicar humanidade para população negra..... 24
- Figura 9 – Imagem dos protestos que aconteceram nos Estados Unidos para reivindicar justiça pelo assassinato brutal de George Floyd e reinvidicar humanidade para população negra 24
- Figura 10 – Imagem dos protestos que aconteceram no Brasil, após o assassinato de João Pedro, um adolescente de 14 anos morto em sua própria casa pela

| | |
|---|----|
| polícia..... | 26 |
| Figura 11 – Imagem dos protestos que aconteceram no Brasil, após o assassinato de João Pedro, um adolescente de 14 anos morto em sua própria casa pela polícia..... | 26 |
| Figura 12 – Ilustração retirada da plataforma de pesquisa Google. Imagem de George Floyd e João Pedro, brutalmente mortos pela Polícia de seus países..... | 27 |
| Figura 13 – Imagem de Carolina Maria de Jesus, retiradas da plataforma de pesquisa Google..... | 28 |
| Figura 14 – Imagem de Carolina Maria de Jesus, retiradas da plataforma de pesquisa Google..... | 29 |
| Figura 15 – Imagem de Carolina Maria de Jesus, retiradas da plataforma de pesquisa Google..... | 30 |
| Figura 16 – Imagem de Carolina Maria de Jesus, retiradas da plataforma de pesquisa Google..... | 31 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | ESCREVIVÊNCIAS PRETAS E A CONSTRUÇÃO DOS CURRÍCULOS ESCOLARES | 13 |
| 2.1 | Representatividades importa? | 17 |
| 3 | PROPOSTAS PEDAGÓGICAS | 23 |
| 4 | CONCLUSÃO | 33 |
| 5 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 34 |

INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso: Na luta que a gente se encontra: Escrivências pretas e a construção de um currículo antirracista. Da Especialização: Ensino de História da África do Colégio Pedro II (CPII). Dedicar-se a pensar na construção de um currículo escolar que tenha como ponto de partida a negritude retratada na história enquanto potência. O termo diversidade tem sido exaustivamente discutido no campo da educação, entendendo que esse termo abarca a interseccionalidade⁴ de uma gama de questões como raça, classe, território, gênero entre outras. Aqui me proponho a pensar em um sistema de ensino sob a ótica do recorte racial.

A escola precisa ser marcada pela subjetividade dos corpos que a constituem. Nossas vidas são regadas umas pelas outras e nossos caminhos são os que foram abertos pelas que vieram antes de nós. As trajetórias negras se atravessam a todo o momento e transcendem os ciclos do tempo.

As instituições de ensino ainda se apresentam como espaços estruturalmente desiguais quando falamos de diversidade racial. A centralização da cultura europeia e a marginalização (colocar a margem) das demais culturas demonstram o quanto estamos imersos em falsas ideias de democratização e submersos por uma hierarquização que privilegia uma pequena parte da sociedade em detrimento da outra.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE demonstram que 54% da população brasileira se autodeclarou negra, ou seja, mais da metade da população brasileira. E entendendo que o direito à educação é uma garantia dada à sociedade como podemos pensar a elaboração de uma educação que respeite a história, a memória, a cultura e a inclusão deste grupo no sistema de ensino, para que a educação seja efetivamente um artefato de transformação social pautado na justiça e na igualdade de oportunidade, acesso, permanência e visibilidade.

⁴ Segundo Carla Akotirene em seu livro “*O que é interseccionalidade?*” “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”. (p. 14). Ou seja, abordagem que afirma que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, são indissociáveis para se pensar a organização estrutural de uma sociedade racista.

A escola é um espaço de socialização social responsável pela formação de identidades culturais e étnicas e produz conhecimento mesmo fora do horário ou do roteiro das aulas, logo como podemos construir uma cultura que pense a partir dos cotidianos marginalizados, numa afroperspectiva (NOGUERA 2014), que nos direciona para a descolonização, dos saberes e para a construção de alternativas pedagógicas que caminhe para uma verdadeira democracia étnica.

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo explicar as escrevivências pretas e a partir delas pensar a construção crítica e comprometida de uma educação antirracista. Me proponho a refletir sobre o processo de construção e reconstrução de corpos e identidades pretas e suas lutas históricas (GOMES, 2005; CANDAU, 2012) considerando que as vivências pretas são necessárias para estruturação de um currículo escolar.

ESCREVIVÊNCIAS PRETAS E A CONSTRUÇÃO DOS CURRÍCULOS ESCOLARES

Escolhi iniciar esse trabalho a partir da minha própria escrevivência, reúno aqui memórias, histórias e invenções. “Sim invento, sem o menor pudor [...] desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência” (EVARISTO, 2011, p.8).

Sempre me disseram que sou uma boa contadora de histórias, então decidi que esse trabalho começa em mim, tendo meu próprio corpo como ponto de partida, corpo esse que é atravessado, invadido e modificado por tantos outros corpos iguais aos meus. É importante destacar que a escrita não é uma produção personificada e individual, mas sim a manifestação literária de um corpo em colisão com histórias, memórias, experiências, afetos, choro e resistência.

Uma escrita marcada pelas histórias de todos os sujeitos, atropelada, vivifica e modificada pelos encontros porque a negritude nunca é uma individualidade. A negritude é rede que trança, tranca, sufoca e faz respirar. Tudo depende da nossa posição no enredamento.

Cheguei à universidade em 2015 e sou da primeira geração da minha família a conseguir acessar o ensino superior e público. Isso dimensiona como a educação é desigual e as estruturas articuladas à raça, gênero, classe e território são mecanismos potentes que trabalham segregando espaços de conhecimento-poder em prol de uma classe minoritária que se escreve e se produz maioria. *A ironia da maioria virar minoria!*

Traduzo minha chegada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, no ano de 2015, como a materialização de um processo histórico de lutas. Processo tecido na soma das lutas de mulheres ancestrais e contemporâneas que se propuseram a alargar as possibilidades de existências, subvertendo as marcas e as definições carimbadas em seus corpos, modificando a si mesmas e aos outros através de incansáveis lutas para democratizar o acesso aos espaços institucionais que geralmente são dominados por uma maioria de pessoas brancas e que conseqüentemente pessoas negras são colocadas à margem.

Minha chegada à faculdade foi um marco histórico para minha família e, principalmente, para mim. Nos seis primeiros meses, lembro o quanto eu estava perdida. Eu não conseguia criar vínculos, não conseguia me sentir confortável ou ter coragem para apresentar qualquer coisa que tivesse sido produzida por mim. Sempre deixei que outras pessoas falassem por mim, que apresentassem o que eu havia pensado que dissessem o que eu deveria falar, minha autoestima acadêmica estava em desalinho com tudo que era proposto pela universidade (não que agora esteja tudo alinhado, mas o contexto é bastante diferente). Eu não me via em nada ali, a sensação era de estar invadindo um espaço e essa sensação era reafirmada pelos olhares descrentes que me cercavam.

A universidade, durante muito tempo, me colocou à margem dos espaços de conhecimento. Eu estava ali, mas não conseguia, de fato, integrar aquele ambiente, trabalhava durante todo dia, aos finais de semana ajudava minha mãe com faxinas em casa de pessoas ricas na Barra da Tijuca. A UERJ estava tão distante da minha realidade geográfica e financeira que de fato eu não conseguia me sentir pertencente àquele espaço. Eu não me reconhecia nele esteticamente e as histórias como as minhas não eram contadas ou retratadas como potencia acadêmica.

Eu não encontrava afeto nas pessoas e me sentia burra demais para estar ali. Muitas pessoas falam sobre a beleza das cotas e da inserção dos alunos negros e pobres nos espaços acadêmicos e, sim, é uma política necessária e eficaz, eu fui cotista e presenciei o quanto o meu curso e faculdade enegreceram e trouxeram novas perspectivas para quebrar com os ciclos de misérias nos quais muitas pessoas estão inseridas. Mas, também vivenciei na universidade muita hostilidade. É insuficiente ter uma política de acesso quando não se cria na universidade possibilidades reais de permanência dos estudantes pobres. Estar na universidade não significa integrá-la. As cotas são uma possibilidade de reparação, mas não são suficientes para reparar. A política de acesso não garante permanência nem a disputa dos espaços de poder. “A cota é pouca e o corte é fundo”⁵.

Durante muito tempo a universidade foi um espaço que me adoeceu. É um espaço que institucionalmente afirma e reafirma quem são as pessoas que devem estar ali e os corpos que não devem, a começar pelo currículo majoritariamente centralizado em produções brancas, sobretudo masculinas e eurocêntricas. Consigo me lembrar de poucas aulas em que autores pretos foram representados como produtores de conhecimentos científicos e não só como objeto de estudo.

Foi na Universidade também que reconheci minha negritude enquanto potência. O encontro com outros corpos semelhantes ao meu me salvou. Me aquilombar com pessoas que, assim como eu, buscavam hackear as estruturas e subverter as ordens para habitar os espaços dentro e fora da universidade. Comecei a buscar referências pretas para tudo na minha vida eu precisava me apropriar de mim mesma.

A minha transição do cabelo escovado e com uso de química para o cabelo natural, por exemplo, aconteceu aos vinte e dois anos quando comecei assistir uma série de vídeos no Youtube que falavam sobre beleza negra e quando comecei seguir no Instagram e no Facebook mulheres que se pareciam comigo. A representatividade reafirma e enfeita os traços marginalizados pelo padrão de beleza eurocentrado imposto à sociedade.

⁵ Pra Que Me Chamas? Canção de Xênia França e Lucas Cirillo De Sousa E Silva
Ano: 2017 Link de acesso: https://music.youtube.com/watch?v=TRnBsFHeg7I&feature=gws_kp_track

Escrever em diálogo com produções pretas me possibilitou curar e cicatrizar feridas causadas pela branquitude e dançar com as estruturas de poder, criando novos espaços de participação, protagonismo e coexistência. Busquei humanização para meu próprio corpo. E isso só foi possível a partir a minha chegada à Universidade.

Carla Akotirene, autora do livro “O que é interseccionalidade?” (2018) fala sobre a importância das águas na cicatrização das feridas coloniais. Hoje eu consigo afirmar que apesar do contexto político e dos projetos de extermínio do meu corpo pelo Estado, estar em espaços onde a educação é crítica e tratada com responsabilidade tem potencializado meu encontro com as águas.

As águas, além disto, cicatrizam feridas coloniais causadas pela Europa, manifestas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contra postos humanos e não humanos. No mar atlântico temos o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano. Segundo a profecia yorubá, a diáspora negra deve buscar caminhos discursivos em atenção aos acordos estabelecidos com antepassados. Aqui, ao consultar quem me é devido, Exu, divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto da interseccionalidade, responde como voz sabedora do quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, impedida de tocar seu idioma, beber da própria fonte epistêmica cruzada de mente-espírito (AKOTIRENE, 2018, P.15-16).

Começo esse trabalho a partir de minhas próprias escrituras atravessada por tantas outras, pois entendo a importância da Universidade em minha formação política. Me vi gente a partir dessa experiência! Apesar da academia ainda ser um espaço institucionalmente branco, os encontros que tive com pessoas que assim como eu conseguiram habitar e se reconstruir nesses espaços me salvou de muita coisa. Acredito que o caminho para qualquer mudança estrutural na sociedade se dará articulada à educação de qualidade. A universidade foi o primeiro espaço onde tive acesso a uma educação de qualidade e mudou completamente minha vida. Às vezes acredito ter percepções utópicas acerca da educação, mas quando olho para mim tenho certeza que esse é o caminho.

A partir do conceito de escritura, criado pela intelectual negra Conceição Evaristo, como podemos pensar, refletir e aprofundar nossos estudos para criação de um currículo e de uma prática pedagógica que seja de fato comprometida com uma educação antirracista e que conte as histórias e os avessos que história não conta? A voz que outrora fora escravizada, a voz periférica, favelada e preta que

demarca território, produz pensamento e tem um enorme poder revolucionário. A memória preta não nos deixa silenciar e esquecer que “a diáspora negra deu suor, lágrimas e sangue ao gosto do mar” (AKOTIRENE, 2018, p.37). O mar-vida grita por justiça histórica. Nesse sentido, contar suas histórias e falar sobre a importância de cada uma para construção desse país é reverenciar a existência, a história e a memória do povo preto.

Representatividade importa?

A luta por representatividade preta é algo com muitos desdobramentos já que estamos falando de uma grande parte da população que nunca se sentiu representada. Resgatar a contribuição de pessoas negras na construção da história desse país e falar sobre nossas potências significa reverenciar nossas histórias.

Logo pensar as identidades pretas no contexto escolar vem no sentido de representar no âmbito político os interesses de vários grupos, classe social ou povo que ainda hoje é empurrado para as margens da sociedade e para as senzalas modernas ou como sugere Carolina Maria de Jesus (1960) para os quartos de despejos.

Em 2017, quando eu ainda era aluna do curso de pedagogia, decidi participar de um processo seletivo para ser bolsista de uma turma do ensino fundamental de primeiro e quarto ano em um colégio de aplicação. No meu primeiro dia no colégio, logo que passei pela porta, minhas mãos estavam geladas, meu coração acelerado e me percebi com a cabeça baixa, sem conseguir olhar para ninguém que estava ali. Atravessei a escola passei pela quadra que estava cheia de uma turma que parecia ser do oitavo ano, já quase correndo subi as escadas entrei na sala da turma que eu seria bolsista e fechei a porta, em um quase ato de salvar minha própria pele. E isso se repetiu por todo tempo em que estive lá. Só consegui permanecer na escola por oito meses. Eu não consegui dar conta desse ciclo de ansiedade e das memórias produzidas pelo meu corpo dos tempos em que eu ainda era aluna no ensino fundamental.

Ao realizar a leitura do livro “Negras (in)confidências: Bullying, não. Isto é racismo” organizado pela Benilda Brito e pela Valdecir Nascimento, entendi porque me sentia daquela maneira. O livro

apresenta uma série de narrativas de mulheres negras que revisitaram suas memórias da época em que ainda frequentavam a escola no ensino fundamental e compartilharam seus relatos e experiências de vivenciar o racismo no cotidiano escolar. Esse livro me fez perceber o quanto nós pessoas negras somos criados, moldados e temos nossas subjetividades e escrituras forjadas no medo, ainda crianças.

Trago esse relato para afirmar que o racismo ele mata quando não por uma bala do Estado, ele mata epistemologicamente homens e mulheres e condena gerações. A experiência que vivi na escola quando criança ainda está presente em minha memória, por isso quando falamos de racismo falamos também de desumanização e apagamento histórico de milhares de pessoas.

Navegando nas redes sociais vi alguns compartilhamentos de uma criança, uma menina de oito anos de idade que junto com sua mãe estavam recriando fotografias de mulheres negras. Fiquei curiosa e fui buscar mais informações sobre como surgiu essa iniciativa tão especial e potente. Li uma entrevista que contava a motivação para que tal projeto ganhasse vida:

A minha mãe sempre gostou de fazer penteados no meu cabelo, e uma menina, que era parecida comigo, disse que quando eu ia para a escola com o cabelo preso daquele jeito, parecia um monte de lixo. Então eu falei com a professora, que chamou ela para conversar. Depois disso ela nunca mais me tratou desse jeito (Clara Larchete).⁶

Esse relato foi feito por Clara Larchete, uma criança de oito anos de idade a sua mãe. A experiência vivida e narrada por Clara se confunde com as que eu vivi, com as que milhares de mulheres e homens pretos viveram e infelizmente com as que crianças e adolescentes pretos ainda vão viver. Narrativas como essa demonstram o quanto é necessário que as histórias e identidades pretas estejam representadas no cotidiano escolar.

⁶ Trecho da reportagem: Conheça Clarinha Larchete, a menina de 8 anos que recria fotos de artistas negras. Link de acesso: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2021/04/conheca-clarinha-larchete-menina-de-8-anos-que-recria-fotos-de-artistas-negras.html>

Data de acesso: 01 de setembro de 2020.



Figura 1



Figura 2

A escola apresenta-se como lócus privilegiado de reprodução das desigualdades raciais ao considerar a cultura de raiz europeia superior às demais. O mito da democracia racial brasileira, que mascara uma sociedade hierarquizada, tem sobrevivido até os nossos dias graças às ações das instituições que produzem as ideologias, entre as escolas (GONÇALVES; RIBEIRO. 2012 p.9).



Figura 3



Figura 4

As irmãs Helena e Eduarda conhecidas como as Pretinhas Leitoras, nascidas no Morro da Providência, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, também usam as redes sociais como tecnologia de escrita de si. No perfil criado no Instagram @pretinhasleitoras, as irmãs compartilham literaturas de autores pretos, falam sobre suas experiências enquanto crianças que acessam livros onde elas se reconhecem

nos personagens e nas narrativas e explanam o quanto o acesso a essas matérias é importante para construção de uma identidade potente. A leitura é um ato revolucionário.



Figura 5



Figura 6

Representatividade preta importa, não só para construção da autoestima de pessoas pretas, mas para desestruturação dos mecanismos que constituem o racismo. Ninguém vai estar seguro e nenhuma universidade será satisfatoriamente negra, enquanto as raízes racistas institucionais que arquitetam a sociedade não forem movimentadas. Enquanto continuarmos sendo alvo do Estado e vítimas da “segurança pública”, e os postos de trabalho não forem ocupados por nós pessoas negras e os salários equiparados, enquanto continuarmos sendo encarcerados em

massa, sendo mortos por segurar um guarda-chuva, ou alvejados enquanto brincamos nas ruas e saímos das escolas. Ninguém estará seguro.

A luta por representatividade preta é urgente. Trazer os avessos das histórias contadas, para construção de uma educação antirracista, é retomar o fôlego de esperança para que possamos continuar sonhando e planejando um futuro onde nós cabemos por inteiro e que nos possibilita acreditar na existência de dias melhores e socialmente justo. Quando há representatividade preta há reparação histórica e reconhecimento de quem formou e construiu esse país.

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente. Como bem salientou Frantz Fanon, os descendentes dos mercadores de escravos, dos senhores de ontem, não têm, hoje, de assumir culpa pelas desumanidades provocadas por seus antepassados. No entanto, têm eles a responsabilidade moral e política de combater o racismo, as discriminações e, juntamente com os que vêm sendo mantidos à margem, os negros, construir relações raciais e sociais sadias, em que todos cresçam e se realizem enquanto seres humanos e cidadãos. Não fossem por estas razões, eles a teriam de assumir, pelo fato de usufruírem do muito que o trabalho escravo possibilitou ao país. Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime⁷. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana, 2004 p.14)

Narrar os cotidianos pretos nas escolas nos dá uma dimensão do quanto à escrita das vivências, são metodologias que por si só tencionam e mobilizam diferentes estruturas. O ato, a cena e o ensaio caminham juntos inventando performances, danças, cantos e gritos para criar seu próprio espaço de atuação. As negritudes nunca são uma individualidade, mas sim uma rede de comunicação que coloca múltiplos agentes em contato. A escrita dos corpos pretos no espaço público clama pelo direito à vida, pela existência e pela memória dos que já se foram.

⁷ Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana.

Link para acesso:

https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Tema: Tecnologia e produção dos corpos

Nível: Ensino Médio, 1º ano

Disciplina: História

Número de aula: 2

Material: Curta metragem Dois estranhos

Disponível: <https://drive.google.com/file/d/1hwVyniESSipJ5YI395BAaBtQxDINSqGa/view>

TÍTULO: TECNOLOGIA E PRODUÇÃO DOS CORPOS



Figura 7

“Não consigo respirar”... No dia 25 de maio de 2020, em Minneapolis, George Floyd, de 46 anos, foi imobilizado e brutalmente assassinado pelo policial Derek Chauvin. “I can’t breathe!” (não consigo respirar) foram as últimas palavras ditas por George Floyd, enquanto o policial Derek Chauvin o mantinha imobilizado e o asfixiava por quase nove minutos ajoelhado sobre seu pescoço. O crime cometido pelo policial foi gravado e as imagens foram disponibilizadas nas redes sociais.

O vídeo de um homem negro deitado no chão com um policial branco ajoelhado sobre seu pescoço repetindo “Não consigo respirar” (I can’t breathe!), “Não consigo respirar” (I can’t breathe), “Não consigo respirar” (I can’t breathe)... Foi

compartilhado nas redes sociais por Darnella Frazier, de 17 anos que presenciou, filmou e compartilhou o assassinato. Protestos pelo assassinato de George Floyd.



Figura 8



Figura 9

Dia 18 de maio de 2020, durante uma operação realizada pelas Polícias Federal e Civil no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, João Pedro Mattos, de 14 anos, foi brutalmente assassinado com um tiro após ter sua casa invadida por policiais. O corpo de João foi levado pelos

policiais e sua família procurou por ele por aproximadamente 17 horas, até ser localizado no Instituto Médico- Legal. João Pedro foi assassinado dentro de sua casa sete dias antes do assassinato de George Floyd nas ruas de Minneapolis.

Após a divulgação do vídeo do assassinato de George Floyd em redes sociais como Twitter, Instagram, facebook, whatsapp, Youtube e outros. Sua morte ganhou proporções internacionais. Pessoas de diferentes localidades se organizaram através das redes sociais e ocuparam pelo menos 75 cidades americanas para protestar contra as estruturas⁸ racistas (ALMEIDA, 2019) que dão vida a polícia norte-americana.

As redes sociais, nesse contexto, denunciaram não só a polícia, mas toda estrutura Governamental que condena politicamente pela seletividade racial e estereótipos pós-coloniais as pessoas negras.

João Pedro, que gostava de pizza e igreja, morreu há um ano, e caso pouco avançou

Procuradoria manda reabrir investigação, segundo defensoria, quase parada desde a reconstituição, em outubro

18/05/2021 em Violência Racial e Policial 4 min.



Imagens de várias cidades em chamadas foram espalhadas pelas redes sociais, os vídeos feitos ao vivo, as chamadas lives, durante as manifestações foram transmitidas para o mundo e serviram de estratégia para que a segurança dos manifestantes fosse minimamente garantida naqueles espaços. Foi tamanha a repercussão das manifestações e da hashtags #blacklivesmatter que elas se desdobraram em outros países como, por exemplo, no Brasil com #vidasnegrasimportam. Outra ação adotada para alargar o debate foi à postagem de uma tela preta, uma manifestação virtual conhecida como Blackout Tuesday (terça-feira do apagão) no combate ao racismo e à truculência policial através do Instagram.

Em consequência da publicidade das grandes manifestações norte-americanas no ciberespaço contra as estruturas racistas, surgiram novos movimentos nas redes sociais para debater o racismo e todas as violências que ele

⁸ Segundo Silvio Almeida em seu livro “*O que é Racismo estrutural?*”. O conceito define que o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares (p.38).

ocasiona e também para falar sobre a construção da negritude e seus atravessamentos na contemporaneidade. Assim como nos EUA, aqui no Brasil pessoas, sobretudo as negras de diferentes localidades se encontraram nos grandes centros para reivindicar mudanças na atuação da polícia e no Sistema de Governo e para obter respostas sobre a morte de João Pedro que não ocorreu em um espaço público, mas sim em sua casa, no espaço privado onde a existência-morte na maioria das vezes, está fora do campo da visibilidade e do registro nas redes.



Figura 10



Figura 11

Pensando as organizações em redes sociais como espaços de disputa de narrativas, de reivindicações, de (re)existências, de coexistência, de luta, de

visibilidade e de tessitura da vida de que forma podemos recriar esses espaços para tecer nossas histórias e memórias e reivindicar nossos direitos?



Figura 12

Tema da proposta:

A aula abordará a importância do uso das tecnologias como espaços de reivindicação de humanidade da população preta.

Problema:

Como as tecnologias contribuem para o debate antirracista e para construção de sociedade democrática.

Objetivos:

- Compreender como as redes sociais se tornaram espaços de ciberativismo onde os praticantes que ocupam essas redes podem reivindicar suas existências, o direito a memória e a vida.
- Identificar os movimentos que se criam nas redes sociais e transbordam em nosso cotidiano para além das telas

Metodologia:

1. A partir dos materiais disponibilizados traga exemplos reais de corpos que usam as redes enquanto *espaçotempos* de resistência e de ativismo.
2. Produza um conteúdo relacionando o exemplo escolhido com os materiais disponíveis: texto e curta . Você pode fazer citação dos textos, dos filmes etc.
3. A explanação do seu conteúdo poderá ser feita através de um texto, uma música, um áudio, um podcast, um curta, um vídeo no Youtube etc.

Recursos didáticos:

Material de texto impresso, computador, caixa de som, datashow e quadro branco.

Critérios de avaliação:

Produção autoral - gere curiosidade, prenda a atenção do leitor/espectador.

Criatividade - Apresente imagens, sons, que despertam os sentidos, não reduzindo a experiência da fruição ao texto escrito. Utilize hipertexto e outras mídias.

Articulação com texto e com o curta metragem Dois estranhos com o conteúdo escolhido - Aproprie-se do conteúdo e apresente o seu ponto de vista.

ATIVIDADE 2

Tema: Insubmissas trajetórias negras

Nível: Segundo ano do Ensino médio

Disciplina: História

Números de aulas: 3

Material: Filme "Quarto de despejo - Carolina Maria de Jesus" - Ruth de Souza

Disponível em: <https://cultne.tv/cultura/cinema/38/cultne-cinema/filme/157/34quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesus-34-ruth-de-souza>

TÍTULO: INSUBIMISSAS TRAJETÓRIAS NEGRAS

Carolina Maria de Jesus

*Pobre e rico são feridos
porque a guerra é uma coisa brutal
Só que o pobre nunca é promovido
Rico chega a Marechal
Rico chega a Marechal⁹*

⁹ Verso da canção: O Pobre e o Rico, de Carolina Maria de Jesus.

Link de acesso: <https://www.letras.mus.br/carolina-maria-de-jesus/o-pobre-e-o-rico/>



Figura 13



Figura 14

No dia 14 de março de 1914 nascia Carolina Maria de Jesus, em uma sociedade que vivia seus primeiros tempos sob um novo regime, a República, como também o do pós - abolição. Filha de uma lavadeira analfabeta, Carolina cresceu em uma família com mais sete irmãos. Carolina fez parte de uma população negra “invizibilizada” que teve seus antepassados nascidos sob a escravidão e que experimentou o descaso e a impossibilidade de acesso aos direitos civis, políticos e sociais, prometidos pelo novo regime. Nascia em Sacramento no Estado de Minas Gerais, uma mulher preta que revolucionaria o mundo *literaturizando* a própria vida-história.

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu

sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (DE JESUS, 2014)



Figura 15

No ano de 1948, Carolina, foi morar na primeira grande favela de São Paulo, a Canindé que ficava localizada na zona norte da Cidade. E Que viria a ser desocupada em meados dos anos 1960 para construção da Marginal Tietê. Carolina foi mãe solteira de Vera Eunice de Jesus Lima, José Carlos de Jesus e João José de Jesus. Foi catadora de papel e de muitos outros lixos que a fizesse conseguir algum cruzeiro para sobreviver como ela mesma relata em seu diário.

“Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês. E eu vou contar ao repórter” (DE JESUS, 2014 p.172). Em seus escritos Carolina deu cor a fome a chamou de *amarela*. A tontura da fome é pior do que a do álcool. “A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (DE JESUS, 2014 p.44). Denunciou a realidade de viver com a miséria, denunciou o descaso social e a ausência de políticas públicas que aprofundavam as marginalizações impostas aos corpos pretos. Sua escrevivência denunciou a experiência de viver no quarto de despejo e não nos deixa esquecer que o Estado que é desde sempre o maior violador dos direitos fundamentais da população.

Pensei na desventura da vaca, a escrava do homem. Que passa a existência no mato, se alimenta com vegetais, gosta de sal, mas o homem não dá porque custa caro. Depois de morta é dívida. Tabelada e selecionada. E morre quando o homem quer. Em vida dá dinheiro ao homem. E morta enriquece o homem. Enfim o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações. (DE JESUS, 2014 p.70).

No dia 19 de agosto de 1960, Carolina publica seu livro autobiográfico “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, com edição de Audálio Dantas o repórter que após ir à favela de Canindé para fazer uma reportagem sobre a favela conhece Carolina Maria de Jesus que lhe mostra seu diário.

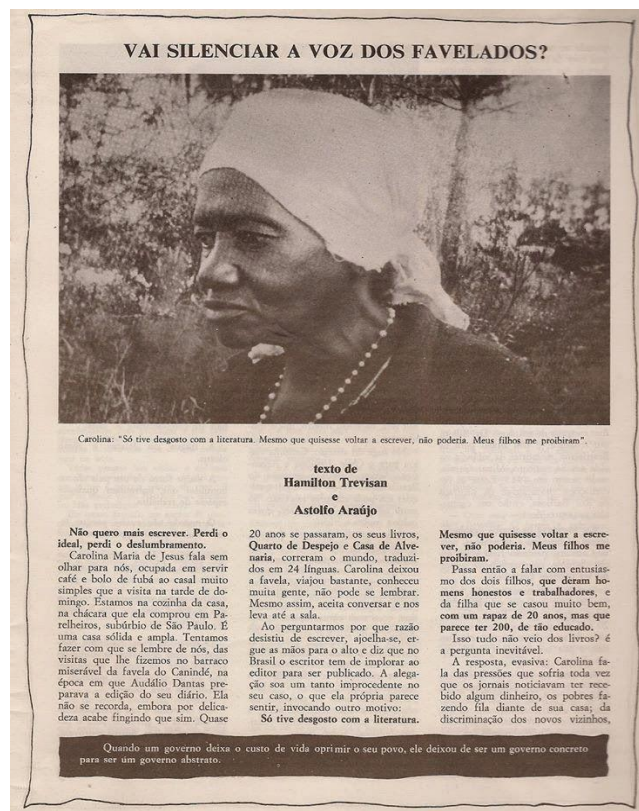


Figura 16

Outras obras publicadas pela autora: Casa de alvenaria (diário 1961); Provérbios (memória, 1963); Pedacos da fome (memória 1963); Diário de Bitta (memória 1986); Antologia Pessoal (poema, 1966) e Meu estranho diário (1996).

“Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes”. (DE JESUS, 2014 p.30).

Tema da proposta:

A aula abordará a história de mulheres negras e o reconhecimento de suas vivências como potências.

Problema:

Como a escrevivência de mulheres pretas pode colaborar para construção de uma educação antirracista.

Objetivos:

- Identificar a existência de mulheres pretas marginalizadas como agentes históricos.
- Promover a consciência sobre negritude, através do diálogo com as histórias de mulheres pretas enfatizando suas colaborações para construção da sociedade.

Metodologias:

1. Em grupo de quatro pessoas, escolha uma mulher negra para contar suas histórias. Uma mulher negra que já tenha sua história pública ou não.
2. Escreva sobre ela e monte uma apresentação, com imagens, vídeos, áudios...

Recursos didáticos:

Quadro branco, computador, datashow, caixa de som e folha impressa com a história de Carolina Maria de Jesus que será dada as aulas e aos alunos.

Crerios de avaliação:

Cada grupo apresentará oralmente um trabalho escrito, baseado nas escrevivências de uma mulher negra. Serรก avaliada a criatividade, pertinência temática e gramatical. O trabalho serรก apresentado em sala de aula e exposto na escola para que outros alunos tenham acesso ao material.

CONCLUSÃO

*Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra*

*Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato¹⁰*

A escolarização aparece em todo contexto histórico social, inclusive na contemporaneidade, como um processo para se alcançar cidadania, “para ser alguém”.

“*Eles não viram que eu estava com a roupa da escola, mãe?*” foi à última frase dita por Marcus Vinicius um adolescente de 14 anos de idade morto por policiais militares durante uma operação no complexo de favelas da Maré onde morava.

A interseccionalidade como metodologia nos dá a possibilidade de compreender como o agrupamento de violências e as repetições de padrões de comportamentos coloniais orientaram as relações raciais no processo de construção das identidades negras. Sendo a escola um importante espaço de criação de imaginário social, o trabalho se debruçou em pensar na necessidade de ocuparmos esses espaços com referências pretas potentes.

Trazer para o centro das discussões os avessos das histórias contadas e contar as que são deixadas a margem dos espaços de conhecimento é extremamente necessário para se pensar a educação crítica e comprometida com a desestruturação do sistema racista. Sabemos que a generalização dos corpos

¹⁰ História pra ninar gente grande - Samba Enredo da Estação primeira de Mangueira
Link de acesso à letra: <https://www.lettras.mus.br/mangueira-rj/samba-enredo-2019-historias-para-ninar-gente-grande/>

Data de acesso: 02 de fevereiro de 2022.

pretos rouba suas singularidades e muitas vezes a vida, logo enquanto educadores precisamos nos responsabilizar e criar meios para que as pessoas pretas construam suas próprias escritas de si.

A memória de Cláudia Silva Ferreira, Marielle Franco, dos 111 tiros dados em Roberto, Carlos Eduardo, Cleiton, Wilton e Wesley, Maria Eduarda, João Pedro e de muitos outros, não nos deixa esquecer que o mar-vida grita por justiça histórica. “*A diáspora negra deu suor, lágrimas e sangue ao gosto do Mar*”. (AKOTIRENE, 2019).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução Maria Letícia Ferreira - 1. ed., 1a reimpressão - São Paulo: COntexto, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de mulheres** – Belo Horizonte: Nandyla, 2011.

_____. **Escrevivência.** Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-varisto/escrevivencia/> Acesso em: 04 set. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos E Conceitos Presentes No Debate Sobre Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão. História. Coleção para todos.**

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação – 2005.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende; RIBEIRO, Ana Paula Alves. **Diversidade e sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Outras letras, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada:** 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MOREIRA, Adilson. **O que é racismo Recreativo?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.